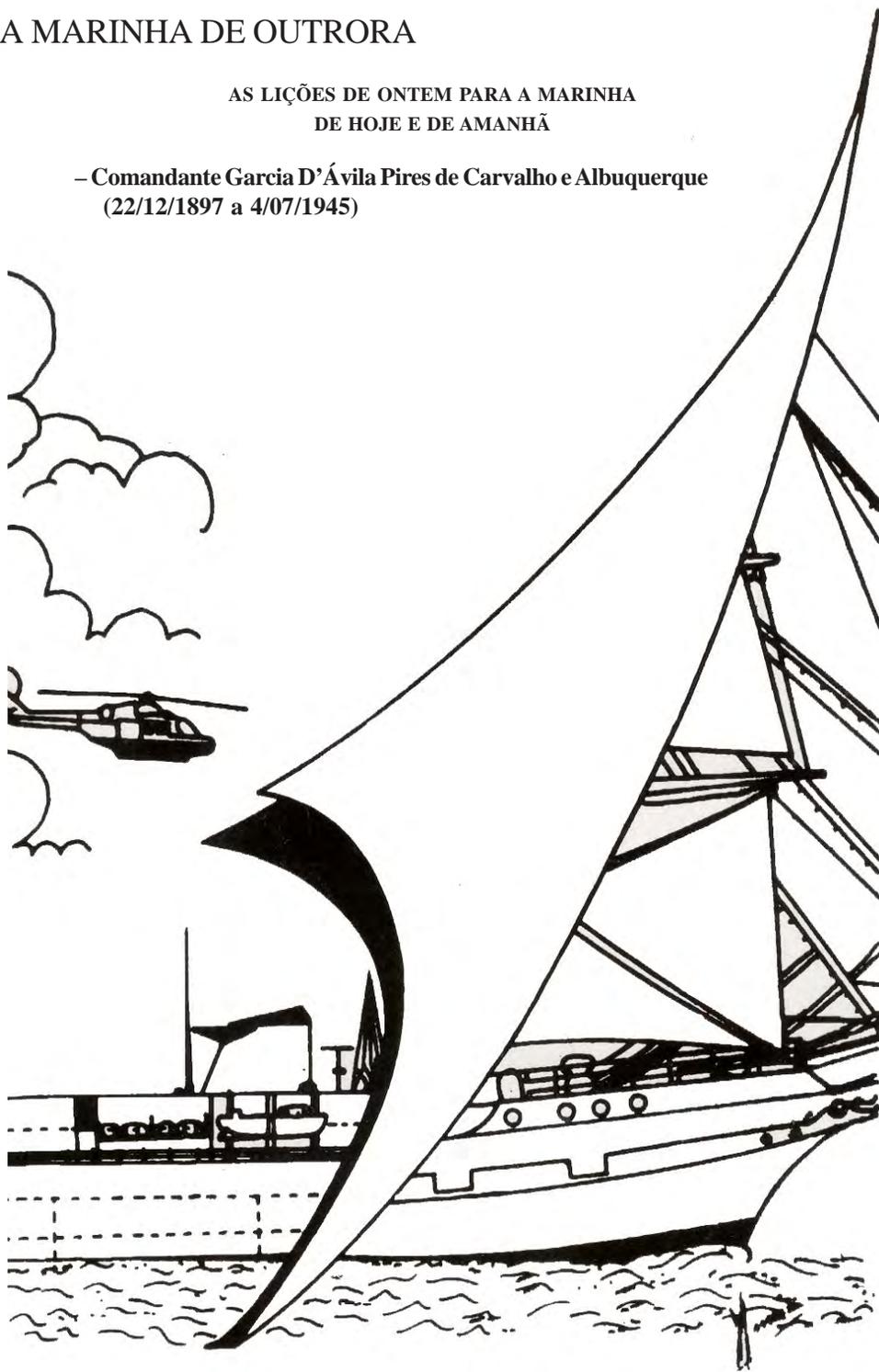


A MARINHA DE OUTRORA

AS LIÇÕES DE ONTEM PARA A MARINHA
DE HOJE E DE AMANHÃ

– Comandante Garcia D'Ávila Pires de Carvalho e Albuquerque
(22/12/1897 a 4/07/1945)



COMANDANTE GARCIA D'ÁVILA PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE (22/12/1897 a 4/07/1945)

Descendente da Casa da Torre, antiga e tradicional família baiana, por linha varonil do Visconde da Torre de Garcia D'Ávila, nasceu a 22 de dezembro de 1897 no engenho de Pouco Ponto, situado no Recôncavo Baiano, não muito distante de Salvador, e faleceu em 4 de julho de 1945, em missão de guerra, comandando seu navio, o Cruzador *Bahia*, naufragado centenas de milhas ao largo da costa pernambucana.

Seu tio e padrinho, por quem nutria reconhecida veneração, o Marechal Francisco de Paula e Argolo, que aos 16 anos de idade participou da Guerra do Paraguai e mais tarde foi por duas vezes ministro da Guerra, influenciou o então muito jovem Garcia D'Ávila a seguir carreira militar, na qual ingressou escolhendo a Marinha do Brasil. Declarado guarda-marinha em 1916, logo promovido a segundo-tenente (1917) e a primeiro-tenente (1919), participou da Divisão Naval de Operações de Guerra, que, sob o comando do Almirante Pedro Max Fernando Frontin, operou no teatro de guerra em mares europeus.

Ao regressar, tendo colaborado, juntamente com outros companheiros, para o salvamento de um navio em perigo, foi condecorado com medalha de ouro pelo governo francês por ato de bravura e, no seu regresso ao Brasil, designado para missão, junto à Marinha norte-americana, embar-

cado no USS *Wyoming*, baseado em Norfolk, no Estado de Virgínia.

Serviu no gabinete do então ministro da Marinha, Almirante Alexandrino de Alencar. Ao deixar as funções, digno dos maiores elogios, foi designado para integrar a Comissão de Limites, que, entre outros trabalhos, efetuou o levantamento hidrográfico do Rio Trombetas, afluente do Rio Amazonas, e a demarcação geográfica da fronteira Brasil-Peru.

Ocupou sucessivamente os postos de capitão do porto de Itajaí, em Santa Catarina; Aracaju, em Sergipe; e Salvador, na Bahia, função esta que exerceu cumulativamente com a de comandante da Escola de Aprendizes-Marinheiros, retornando ao Rio de Janeiro no ano de 1939.

Possuidor dos cursos de Alto-Comando e Estado-Maior, bem como as condecorações Cruz de Campanha, Medalha da Vitória

e Serviço Militar de Prata, e sendo submarinista, navegou praticamente em todos os submersíveis da Armada, tendo comandado o Submarino *Timbira* por cerca de dois anos.

Deixando a flotilha de submarinos, exerceu até o final de 1944 funções de oficial de ligação junto à Missão Naval Americana no Rio de Janeiro, então chefiada pelo Almirante A. Toutant Beauregard, e de observador naval brasileiro embarcado em navio da Divisão de Cruzadores americanos



Garcia D'Ávila com uniforme de gala

que operava no Atlântico Sul sob o comando do Almirante M. O. Ready.

Ao longo de todos esses anos, com seu feito rigoroso e exigente, mas ao mesmo tempo prestativo e jovial, granjeou a estima e a consideração daqueles com os quais teve oportunidade de compartilhar seu trabalho.

Era manhã, por volta de 9 horas do dia 4 de julho de 1945, e o Capitão de Fragata Garcia D'Ávila se encontrava na ponte de comando do seu navio, o lendário Cruzador *Bahia*, que, não obstante ser um navio antigo, construído por estaleiro inglês, lançado ao mar nos idos de 1909, era considerado um dos mais importantes da Força Naval do Nordeste.

A tragédia do seu afundamento colheu o Comandante Garcia D'Ávila em pleno vigor dos seus 48 anos, quando muito poderia ainda fazer pela Marinha do Brasil, que amava tanto quanto à sua própria família.

Gravemente ferido, embora lúcido até o fim e preocupado com seus companheiros, suas últimas palavras para o também herói que procurava convencê-lo a abandonar seu navio foram: “Deixe-me e trate de salvar-se, porque eu sou um homem liquidado”.

Sua morte é exemplo de coragem e desprendimento e revive, 330 anos após, a epopeia do seu glorioso antepassado, o capitão-mor e governador de Salvador Baltazar de Aragão de Souza, que, em 24 de fevereiro de 1613, como ele, foi tragado pelo oceano junto com seu navio defendendo o Brasil, combatendo cinco corsários franceses que rondavam a costa baiana.

Foram concedidas ao Comandante Garcia D'Ávila duas promoções *post mortem* que o elevaram a contra-almirante, e várias homenagens lhe foram prestadas, assim como aos bravos que pela última vez comandou.

Seu nome é o primeiro que figura inscrito no memorial construído na Enseada da Glória, na cidade do Rio de Janeiro, para celebrar aqueles combatentes que tombaram pela Pátria na Segunda Guerra Mundial. E a Marinha do Brasil o glorificou colocando, sucessivamente, seu nome na popa de três navios da Armada, o último dos quais incorporado à frota em maio de 2008.

Uma rua carioca do bairro de São Cristóvão leva seu nome, e por decreto de 26 de maio de 2004, em cerimônia realizada na Escola Naval, foi admitido *post mortem* no grau de oficial como Grão-Mestre da Ordem do Mérito Naval, em reconhecimento aos assinalados serviços prestados à Marinha do Brasil.

Garcia D'Ávila, cujo centenário foi lembrado em missa solene a 22 de dezembro de 1997, à qual, entre outros, compareceu o Almirante Lúcio Torres Dias, único oficial que sobreviveu à catástrofe do Cruzador *Bahia*, deixou imensa saudade em todos os que privaram da sua afabilidade e cavalheirismo, traços marcantes da sua personalidade, que se identificava de forma perfeita com a mais legítima tradição naval brasileira, da qual foi digno representante enquanto viveu.

Ao falecer, deixou viúva Alcyra de Campos Salles, com quem foi casado 16 anos, sendo notório no ambiente familiar o quanto era querido dos seus pais, irmãos, cunhados e sobrinhos.

Permanece até hoje fortemente presente na lembrança dos seus dois filhos, como a lhes indicar trajetória de lealdade para com a Pátria e bravura no cumprimento dos deveres para com ela assumidos.

Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque Neto

Rio de Janeiro, 15 de novembro de 2010